Espaço para crescer



Além da soja, principal fonte produtora de óleo comestivel, o Brasil cultiva em pequena quantidade o girassol, a canola e o caroço do algodão, que já rendeu grande volume de óleo e perdeu mais de 60% de sua produção. O amendoim também já foi cultura de grande destaque econômico no estado de São Paulo e até mesmo no Paraná, mas hoje não passa de uma oleaginosa de pouca expressão, tanto em área quanto em produção.

Maiores chances para a soja

Como produtor de grãos (incluindo as oleaginosas), o Brasil responde por 80 milhões de toneladas. O governo estabeleceu como meta de médio prazo os 100 milhões de toneladas. Faltam recursos, no entanto, para expandir a área e investir em tecnologia e pesquisa, visando à criação de novas variedades mais produtivas e adequadas, e a novas técnicas de melhoria de solo, de rotação de culturas, plantio direto etc. de que ainda carecemos. A área disponível não justifica, por exemplo, que a produção nacional de soja esteja estagnada por volta de 30 milhões de toneladas.

Desde o Cruzado, em 1986, tivemos seis planos econômicos de combate à inflação, sempre com propostas de alimentação barata para proteger o consumidor. Como quem produz alimentos é o campo, sobrou para a agricultura o ônus da transferência de renda para o meio urbano, o que contribuiu para inviabilizar principalmente a pequena propriedade.

Por mais que o governo adote medidas para apoiar o pequeno produtor, o que temos visto na prática é a extinção das pequenas propriedades e cada vez mais pequenos produtores migrando para as cidades porque a renda não está sendo suficiente para manter sua família no meio rural. Isso prova que a política agrícola tem que visar ao longo prazo e ao aumento da renda do agricultor na propriedade. A descapitalização que culminou, em 1995, com o grande endividamento da agricultura obrigou o governo a conceder a securitização da dívida agrícola – um paliativo que não resolveu o problema.

José Aroldo Gallassini

O Sudeste e o Sul têm poucas possibilidades de expansão, porque praticamente todas as áreas agrícolas estão sendo cultivadas. Mas as oleaginosas ainda podem se expandir em algumas regiões do Mato Grosso, Goiás, Bahia, Maranhão, Piauí, Tocantins e outros estados.

Conseguiram-se bons preços para alguns produtos, principalmente a soja em 1996 e 1997, mas na verdade o agricultor não se viu livre das dificuldades. A soja retorna agora aos preços médios mundiais dos últimos 10 anos e as dificuldades estão ressurgindo.

O governo está lançando o novo plano de safra 1998/99, com recursos de R$10 bilhões, redução de juros de 9,5% para 8,75% ao ano para médios e grandes produtores e de 6,5% para 5,75% para o Pronaf. Entretanto, não é bastante. Os planos do governo têm que permitir e incentivar a expansão de novas fronteiras. O parque mecânico está sucateado, são necessários financiamentos especiais para máquinas. A situação da agricultura tem que ser revista, para que seja possível voltar a crescer e atingir melhores níveis de produtividade e de renda.

Está pronto para ser apresentado ao governo um trabalho sobre os caminhos para a modernização em todos os setores, desde a produção até a agroindústria, no Fórum Nacional da Agricultura – FNA, criado pelo presidente da República com a participação do Ministério da Agricultura e da iniciativa privada. Através da reativação do Conselho Nacional de Política Agrícola – CNPA, poderemos analisar as propostas do FNA e acompanhar a implementação das medidas necessárias.

Papel das cooperativas

As cooperativas conseguem fazer chegar mais facilmente ao produtor os recursos e os insumos básicos para a produção e contribuem intensamente na comercialização.

No desenvolvimento das oleaginosas, as bem estruturadas cooperativas das principais regiões produtoras – Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e até mesmo no Mato Grosso e Goiás – têm um papel importante, seja no caso da soja, do girassol ou da introdução da canola como cultura de inver-

Brasil: Produção de oleaginosas – mil t

Cultura	*1998*	*1997*	*1996*	*1995*	*1994*	*1993*
Algodão em caroço	852	512	617	885	834	681
Amendoim	150	140	154	169	159	150
Babaçu amêndoa	70	70	100	110	120	124
Colza	21	9	4	7	12	16
Girassol	24	26	22	4	3	3
Linhaça	5	5	3	3	2	2
Mamona	110	96	43	32	54	42
Palma/Palmiste	500	460	390	380	400	345
Soja	30.890	27.100	24.150	25.900	24.597	22.404
Tungue	2	2	2	2	3	1
Total	32.624	28.420	25.485	27.492	26.184	23.768
Comparação com ano anterior (%)	15	12	(-)7	5	10	

Fonte Conab.

no, ainda dependente de muita pesquisa.

É certo que também as cooperativas sofreram a cada plano econômico. O Recoop é um plano de financiamento de longo prazo para recuperar o setor onde se faz necessário.

A Coamo tem desenvolvido programas específicos para aumentar a fertilidade do solo. Também tem contribuído para a diluição dos custos do campo mediante o constante lançamento de novas variedades, cada vez mais produtivas e vigorosas.

O governo ainda não autorizou a colocação no mercado nacional nem a produção no Brasil de produtos transgênicos como a soja, o milho e o algodão. Países como os Estados Unidos e a Argentina vêm aumentando a passos largos a sua produção anual de grãos com o auxílio de variedades modificadas geneticamente e com grandes vantagens de aumento em produtividade, em proteína, em óleo, inclusive na redução de insumos agroquímicos de modo geral, contribuindo ainda com a preservação do meio ambiente.

É possível acompanhar essa evolução, desde que tenhamos a autorização do governo. Entre o sim e o não para a biotecnologia, já perdemos seis anos. Se até 1999 o governo não tomar uma decisão teremos que nos contentar em ser um país atrasado relativamente às tecnologias agrícolas.

O governo ainda não autorizou a produção de transgênicos da soja, milho e algodão. Se até 1999 não tomar uma decisão, seremos um país atrasado em tecnologias agrícolas.

Quanto à evolução da produção de oleaginosas, o Sudeste e o Sul têm poucas possibilidades de expansão, porque praticamente todas as áreas agrícolas estão sendo cultivadas. Mas a cultura pode se expandir ainda em algumas regiões do Mato Grosso, Goiás, Bahia, Maranhão, Piauí, Tocantins e outros estados. Essa expansão depende de um plano estratégico para a agricultura naquelas regiões. Existem grandes áreas disponíveis à espera de recursos e financiamentos de longo prazo.

O Brasil tem grande experiência na produção de soja, milho e algodão. Embora com vocação, não tivemos tanta experiência na cultura de outras oleaginosas como o girassol, que acabou sendo eliminado pela evolução da soja. Mas o girassol está retornando como cultura possível na seqüência do milho e antes do trigo, em substituição à da soja. Em vez de duas, teremos três safras durante o ano agrícola, se o milho e o girassol juntos proporcionarem renda maior que a da soja. Tal teoria ainda não tem comprovação técnica. Há pesquisas da Embrapa e de outras entidades no sentido de que se determinem as épocas de plantio dessas culturas e de mais uma para o inverno, uma opção para que o campo não fique na exclusiva dependência da monocultura da soja. A monocultura traz problemas de mercado e grandes dificuldades para os produtores de modo geral.

Problemas comerciais

Os preços agrícolas estão achatados, os custos se elevaram demais e o governo está permitindo a importação de produtos subsidiados em outros países, uma concorrência desleal com vantagens de prazo e preços baixos. Faltam garantia de preços mínimos adequados e compradores internos, sobram dificuldades de exportação. Propriedades com menos de 100ha estão tendo dificuldade para manter a renda dos produtores.

O quadro que precisa ser revertido com urgência afeta tanto os agricultores que já estão na propriedade, quanto os produtores assentados por conta da política de reforma agrária. De nada adianta levar gente para o meio rural, assentando-os em áreas pequenas, e nada fazer para estimular e apoiar sua continuidade na agricultura, quando os próprios agricultores que já têm casas e infra-estrutura não estão conseguindo sobreviver.

Os 64 setores analisados pelo Fórum Nacional da Agricultura apresentaram o mesmo pleito: maiores recursos. A falta de financiamento à produção é uma coisa que preocupa. O Brasil já aplicou na agricultura mais de R$39 bilhões, mas nos últimos três anos não lhe destinou nem 2/3 desse volume: em 1996/97, R$5,5 bilhões; em 1997/98, R$8,5 bilhões e agora, 1998/99, R$10

bilhões.

O plano de safra 1998/99 traz uma ligeira baixa dos juros agrícolas e um pouco mais de recursos, um sinal de que as coisas podem estar mudando e uma contribuição para reduzir o êxodo no meio rural e tornar a pequena propriedade mais viável.

A agricultura responde rapidamente aos recursos aplicados. Em seis ou oito meses o recurso de custeio já está de volta. O governo tem condições de fomentar a agricultura, desde que tenha recursos para que se plante, se comercialize e se industrialize. Em regiões bem estruturadas, temos visto uma agricultura cada vez mais forte, eficiente, rentável e com melhor distribuição de renda.

Meio ambiente

De nada adianta expandir sem preservar. Esta é uma questão crucial. Mais do que nunca se faz necessário hoje caminhar pela trilha da agricultura sustentável. Mas também na área de preservação ambiental Executivo e Legislativo devem rever a questão. Grande preocupação com o meio ambiente, trabalhos no sentido de reduzir a poluição, o problema das águas ou a devastação das matas não são tudo. Uma lei específica deve permitir que os produtores, que ocupam integralmente a propriedade com agricultura e por essa razão não possuam reserva legal exigida por lei, possam realizar o reflorestamento alternativo em áreas comprovadamente não-mecanizáveis. Nas áreas em produção, na maioria das vezes, de grande produtividade, onde foram realizadas as destocas, estão investidos muitos anos de trabalho, sem contar o valor dos corretivos, fertilizantes, gastos em conservação de solo etc. Não faz sentido alijá-las do processo produtivo.

Por todo o Brasil encontraremos muitas áreas que, mesmo não adequadas à agricultura, encontram-se descobertas. Essas áreas poderiam servir ao reflorestamento alternativo. Não se deveriam ter perdido, por exemplo, 20% da área agrícola do Paraná, já produtiva, deixando voltar as capoeiras. O custo para a agricultura foi muito elevado, e existem condições de plantar esses 20% de matas em áreas não-contíguas a área cultivada.

O ponto importante é preservar as matas ciliares, de forma que se alcance uma preservação ambiental adequada. Em áreas mecanizadas e produtivas é preciso um plano especial de preservação de matas ciliares, em nascentes e beiras de rios, para não ferir e encarecer ainda mais a agricultura. Temos certeza de que o bom senso vai prevalecer entre os responsáveis pelas mudanças, a Câmara dos Deputados e o Senado.

José Aroldo Gallassini é engenheiro agrônomo e presidente da Coamo.

TECNOLOGIA

Buscar a competitividade

Economia, produtividade e qualidade melhoradas conseguidas pelos novos processos renovam os conceitos tecnológicos do cultivo da soja.

MARCELO PRADO



Em uma economia globalizada cada vez mais torna-se vital a utilização de alta tecnologia com o objetivo de se alcançar níveis de produtividade compatíveis com os melhores do mundo e custos de produção decrescentes visando fortalecer a rentabilidade do empresário rural.

Agricultura de precisão

Uma tecnologia que visa a ganhos de produtividade, racionalização da utilização de insumos e menor agressão ao meio ambiente.

O processo começa pela colheita, onde é possível mapear a produtividade metro quadrado a metro quadrado, gerando informações de produtividade. Dessa maneira, o agricultor poderá identificar as áreas de sua propriedade que estão contribuindo para a queda da média e tomar medidas corretivas, nivelando a produtividade nas médias mais altas.

Os primeiros trabalhos realizados na região de Uberlândia, em Minas, mostraram produtividade média de 3 mil quilogramas, variando de 1.200 a 4.500 kg/ha ou 375%, o que comprova a eficiência dos sistemas de precisão para elevar a produtividade.

A fase seguinte é a mostragem do solo nos pontos de menor produtividade, onde se pode determinar se as quedas são causadas por questões nutricionais do solo. No caso de ervas daninhas, doenças ou pragas, o mapeamento também permite a identificação da causa e as medidas corretivas que deverão ser adotadas.

Usados em pulverizações, os sistemas de precisão propiciam maior correção nas dosagens, além de diminuir o volume do produto aplicado.

No plantio será possível utilizar dosagens variáveis de insumos, fazendo com que a planta receba a quantidade adequada de nutrientes para alcançar altos índices de desempenho.

A agricultura de precisão trará à cultura da soja um alto índice de desenvol-